



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO - PPG/FASSEB
NÚCLEO DE PESQUISA E EXTENSÃO - NUPEX
BACHARELADO EM TEOLOGIA
PROJETO DE PESQUISA
FÁBIO DE SOUSA NETO

TÍTULO: O LUGAR DA EXPERIÊNCIA, IMAGINÁRIO E CULTURA
NOS IMPRESSOS CONFESSIONAIS DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS

LINHA DE PESQUISA: "PENTECOSTALISMO, CULTURA,
EXPERIÊNCIA E REPRESENTAÇÃO.

VIGÊNCIA: 2023 - 2024.

CONSELHO SUPERIOR (CONSUPE)

Gláucia Loureiro de Paula

Presidente

CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO (CONSEPE)

Alessandra Grangeiro

Presidente

DIRETORIA

Gláucia Loureiro de Paula

Diretor Geral

Alessandra Grangeiro

Diretora Acadêmica

Rogeh Alves Bueno

Diretor Administrativo-Financeiro

ÓRGÃOS COMPLEMENTARES E DE APOIO TÉCNICO/ACADÊMICO

Carlos Aurélio Grangeiro de Sousa

Secretário Acadêmico

Alessandra Grangeiro

Coordenadora de Curso

Fábio de Sousa Neto

Coordenador do Programa de Pós-graduação

Eurípedes Pereira de Brito

Coordenador de Estágio

Diessyka Fernanda Monteiro

Coordenadora da Extensão e da Comissão Própria de Avaliação (CPA)

Dannilo Ribeiro Garcês Bueno

Bibliotecário

Faculdade Assembleiana do Brasil

Biblioteca Central

CIP - DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

S725l

Sousa Neto, Fábio.

O lugar da experiência, imaginário e cultura nos impressos confessionais das Assembleias de Deus / Fábio Sousa Neto – 2023.

14 p. ; 29 cm.

Inclui tabela.

Projeto (Graduação), Faculdade Assembleiana do Brasil, Bacharelado em Teologia, EaD, Goiânia, Goiás, Brasil, 2023.

1. Teologia. 2. Pentecostalismo. 3. Assembleia de Deus. 4. Cristão pentecostais. 5. Projeto de extensão. I. Título.

.

CDU: 248.57

**NÚCLEO DE PESQUISA E EXTENSÃO – NUPEX
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – PPG/FASSEB
BACHARELADO EM TEOLOGIA
PROJETO DE PESQUISA
FÁBIO DE SOUSA NETO**

**TÍTULO: O LUGAR DA EXPERIÊNCIA, IMAGINÁRIO E CULTURA NOS
IMPRESSOS CONFESSIONAIS DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS.**

INTRODUÇÃO:

O projeto de pesquisa vincula-se à área de concentração “Cosmovisão” sob a linha de pesquisa: “Pentecostalismo, cultura, experiência e representação” com a supervisão do Núcleo de Pesquisa e Extensão – NUPEX da Faculdade Assembleiana do Brasil – FASSEB.

A valorização da experiência é característica fundamental de diversos campos disciplinares, todos em alguma medida impactados pela virada antropológica, ou o denominado “retorno do sujeito”. Destaca-se, portanto, o rompimento ou superação do peso da estrutura num movimento que deseja valorizar o ser humano como ator social, como sujeito capaz de ações e reações. Na esteira desse fenômeno identifica-se as vozes outrora silenciadas pelos discursos hegemônicos, de matriz eurocêntrica, racionalista e elitista.

A própria historiografia, a psicologia, sociologia e antropologia se viram no meio desse “retorno do sujeito” que corresponde ao retorno das narrativas. Os reflexos disso se observam na produção de historiadores como Carlo Ginzburg, Jacques Le Goff, e Edward P. Thompson. Enquanto Ginzburg inaugurou a micro-história, a inserção de pessoas comuns como objeto da operação historiográfica, Thompson tratou à experiência da classe trabalhadora inglesa no bojo da revolução industrial.

Le Goff, a partir da nova história cultural intensificou essa virada, dinamizando o recente estatuto epistemológico que multiplicou os objetos, as fontes e a própria noção de documento. O resultado disso são as narrativas biográficas e a valorização dos imaginários. Pierre Bourdieu, um sociólogo francês se viu no meio de sua tradição justamente entre Weber e Durkheim, respondendo a tensão determinismo versus liberdade com um arcabouço teórico bastante rico, entre eles o conceito de habitus que segundo Sousa Neto (2021, p. 97) seriam: “disposições que operam em nível do não consciente, mas funcionando a nível prático”. Essa

afirmação vem na esteira da proposta de Bourdieu que concebeu *habitus* como aquilo que “restitui ao agente um poder gerador e unificador, construtor e classificador” (BOURDIEU, 2001, p. 167).

O caso das Assembleias de Deus, definitivamente esbarra com o fenômeno. E isso de algum modo também confrontou e ainda confronta a teologia. O discurso teológico dominante por muito tempo absorveu, seja como reação ou por acomodação as propostas cognitivistas herdeiras do iluminismo. Foi assim com a filosofia do senso comum que floresceu nos centros de formação protestantes de fala anglófona, seja nos domínios do Império Britânico ou nos Estados Unidos, como foi o caso de Princeton. Esse caso especial é revelador, uma vez que lentamente o centro outrora reconhecido por sua “ortodoxia” se viu engolido pelas investidas da teologia crítica (leia-se, racionalista).

Diz-se, “lentamente”, pois um rápido exame de um dos maiores textos de referência da ortodoxia de Princeton, a Teologia Sistemática de Charles Hodge (1797–1878) é suficiente para captar o “espírito da época”. Os prolegômenos de Hodge dão especial atenção às propostas racionalistas, como a questão do método e aos temas em voga como a teologia natural e outros temas ditos científicos. Interessante é que o tipo de saber que se vincula às emoções, aos sentimentos ou experiência é absolutamente rechaçado pelo teólogo de Princeton, identificado por ele como sendo misticismo. Certamente o exame completo da obra dá testemunho das posições ortodoxas de Hodge que sem nenhuma dúvida, – para utilizar uma linguagem sua em referências ao Quacres – estava em sintonia “com a grande corporação de seus companheiros cristãos” (HODGE, 2001, p. 69).

A luta contra o racionalismo e às investidas da teologia liberal formulada com base nas influências do romantismo sobre Schleiermacher (1768–1834), uniu dois polos aparentemente em oposição: razão e sensibilidade (sentimentos, emoção). Dois inimigos são identificados, não é sem razão, que a doutrina da impassibilidade de Deus é reforçada por autores da mesma tradição de Hodge (2001).

O pentecostalismo clássico afirmava justamente a possibilidade real de “experimentar Deus”. A presença do Espírito impactava o crente com poder e por isso mesmo a realidade experimentada dos *charismas*. Além disso, a liturgia dos cristãos pobres, negros e analfabetos escandalizava as elites. O próximo passo foi associar o pentecostalismo com o fanatismo, loucura, coisa de gente inculta. O próprio Hodge (2001) em contexto imediatamente anterior, ao abordar o movimento dos quacres pontuou:

A princípio, os quacres, como classe, eram iletrados, porém, homens das classes cultas logo se juntaram a eles, e por sua influência as irregularidades relativas ao

movimento se foram corrigindo e a sociedade se reduziu a uma forma regularmente organizada. (HODGE, 2001, p. 67).

O “se” é algo que o historiador não trabalha, mas o imaginário, as ideias e as representações, sim. Se Hodge (2001) dizia isso dos Quaques, não é difícil entender os estereótipos insistentes sobre os pentecostais. Conforme se nota, as palavras de Hodge (2001) denunciam seu elitismo, sua avaliação de como as “classes cultas” salvaram os Quaques é flagrante. Aliás, essa é uma ideia teimosa em passar. Esse é o caso das apreciações de John MacArthur Jr (1992) sobre os pentecostais, pois:

Em avaliação da experiência pentecostal, o autor afirma que: “eles abordam a vida cristã sem a mente, sem pensar, sem usar o entendimento” (MACARTHUR JR, 1992, p. 48). A argumentação elaborada por MacArthur parte do conceito protestante de revelação como sendo prioritariamente objetivo e propositivo, atingindo basicamente a mente. Com isso, seu efeito se desdobraria de modo eminente sobre a razão. As experiências emocionais e os sentimentos expressos comumente nas celebrações dos grupos pentecostais seriam um desvio da verdade (QUADROS; SOUSA NETO, 2020, p. 186).

Reforçando o discurso, as ADs¹ são classificadas sociologicamente, marcadas por um estereótipo identificado sob o pentecostalismo clássico. Esse fenômeno teve lugar em um contexto norte-americano na virada do século XIX e início do século XX, contudo, logo se verificou sua recorrência global. O marco zero do movimento pentecostal contemporâneo, embora difícil de ser localizado, tem sido relacionado aos eventos ocorridos na Escola Bíblica de Topeka, Kansas, dirigida pelo pastor Metodista Charles Fox Parham (1873–1929), logo após se associar a uma igreja holiness.

Embora o pentecostalismo contemporâneo, o surgimento de seu imaginário e retórica, seja encontrado ainda na primeira metade do século XVIII, seu pleno desenvolvimento está relacionado ao contexto do segundo grande despertar ou avivamento, mais ainda, no movimento de santidade surgido do seio do metodismo, nas igrejas holiness (DAYTON, 2020, p. 127-147). Sabe-se, contudo, que a internacionalização do movimento é creditada à uma comunidade inter-racial no contexto segregacionista norte-americano no início do século XX.

Tratava-se justamente da *Apostolic Faith* na rua Azusa cujo pastor era um negro, cego de um olho, pobre, semianalfabeto e da primeira geração de seres humanos emancipados do cruel regime escravocrata. Esse pastor era Joseph W. Seymour que liderou o conhecido avivamento da Azusa Street em Los Angeles nos Estados Unidos por volta de 1906.

¹ Sigla doravante utilizada para Assembleias de Deus.

Essa posição marginalizada, por tempos foi o pejo comum do pentecostalismo que no caso brasileiro não fugiu à regra. Como pontuou Alencar (2007), os membros das ADs brasileiras pertenciam a um tipo de protestantismo que em comum com o protestantismo de missão tinha apenas a origem estrangeira, pois era um protestantismo de “pobres para pobres” (ALENCAR, 2007, p. 46). Começou no norte do país com atuação de missionários estrangeiros e dentro de pouco tempo era encontrado em todo território nacional adquirindo o rosto do Brasil. Como registrou Paul Freston (1993), atualmente as ADs são a grande representante de um protestantismo genuinamente nacional, destacando que:

As únicas igrejas verdadeiramente nacionais, e não apenas regionais, são a AD e a Igreja Batista. Mesmo assim, os batistas têm uma concentração regional muito forte. A distribuição da AD é bem mais uniforme; em alguns lugares, o protestantismo praticamente se reduz a ela (FRESTON, 1993, p.34).

Como sugere Alencar (2010), se essa confessionalidade se “abrasileirou”, se confundindo com a própria história do Brasil nos últimos cem anos, talvez isso tenha se transformado em mais um estigma. Ser brasileiro corresponderia ao “caboclo”, um tipo encarnado na literatura de Lobato como representação do atraso, da ignorância, preguiça, e como ele mesmo dizia: “um parasita da terra, [...] espécie de homem baldio, seminômade, inadaptável à civilização” (LOBATO, 2019, p. 145). Ser pentecostal até pouco tempo, corresponderia ao pobre, negro, mestiço, mulher e desprovido dos capitais culturais valorizados pelas elites nacionais.

Entretanto, se a condição socioeconômica do pentecostal mudou, ou pelo menos seja agora as ADs compostas por uma membresia multiclassista, outras coisas permanecem inalteradas; os velhos estigmas, entre eles da ignorância ou da incapacidade de pensar, restando apenas se contentar com a experiência marcada pelo emocionalismo. O binômio razão e emoção insiste em ser reproduzido por aqui. Como dizia um aguerrido pastor reformado brasileiro de maneira irônica, agressiva e desrespeitosa: “é mais fácil encontrar um dente na boca de um torcedor corintiano do que uma frase de alto valor doutrinário na boca de um pastor pentecostal” (GRANCONATO, 2013, n/p).

Portanto, a pesquisa propõe explorar justamente aquilo que era desqualificado por uma epistemologia excludente, classicista no sentido foucaultiano do termo, onde certo discurso era utilizado para manter a experiência pentecostal às margens da grande tradição cristã. Como pontuamos em outro momento:

Seria um problema de ordem epistemológica que nos atinge, uma vez que haveria um quadro hegemônico de discriminação efetuado por um saber bancado pelo sujeito universal europeu, em detrimento das outras vozes tomadas marginais. A permanência dessas assimetrias pode ser verificada sob inúmeras estruturas de exclusão, muito além da tradicional desigualdade econômica que move o capitalismo. [...].

Não é fácil ser autocrítico, muito menos revelar os próprios pressupostos. Contudo, tal demanda não provém dos intramuros universitários, mas das dinâmicas sócio-religiosas do mundo globalizado. A estrutura exclusiva [...] confere prestígio no mesmo grau em que renega outras lógicas de sobrevivência. Não se trata, agora, de inverter os esquemas e recair em um basismo infrutífero, mas questionar a metanarrativa totalizante que compõe a ciência moderna. Isso leva a perceber melhor o quanto as pesquisas elaboradas nos quadros da academia, até nas instituições de excelência, compõem o jogo involuntário das forças de dominação (QUADROS; SOUSA NETO, 2020, p. 188).

Além do que foi dito acima, ao analisar o discurso de outro detrator do pentecostalismo identificamos várias incoerências internas, ou seja: “o sujeito do discurso está ao mesmo tempo afirmando que pentecostais não possuem cérebros, mas são capazes de espetaculosas estratégias estelionatárias” (SOUSA NETO, 2021, p. 163). Nota-se, portanto, que:

Não importa a coerência ou coesão interna [do discurso], o que interessa é diminuir sua alteridade discursiva, para tal reclama o discurso competente, ou discurso autoridade, o poder saber, que supostamente o autorizaria a falar a partir de uma lógica de superioridade. (SOUSA NETO, 2021, p. 163).

Portanto, é nesse sentido crítico em relação ao “jogo involuntário das forças de dominação” que a pesquisa propõe valorizar à experiência, os imaginários, as representações sobre a cultura encontradas entre os pentecostais das ADs. Assim, desvelando outras racionalidades, outros saberes, sobretudo, na esteira daquilo que o pensador canadense James K. A. Smith (1970 –) a partir de apropriação, defende como uma epistemologia pentecostal, um saber afetivo e pré-cognitivo e que não necessariamente se opõe à racionalidade, mas “que se encontra em um registro anterior à articulação proposicional” (SMITH, 2021, p. 64).

Essa epistemologia pentecostal sinalizada por Smith (2021) significa que à experiência pentecostal não se resume em “falar em línguas”, mas também em “pensar em línguas”, uma metáfora perfeita para essa proposta epistemológica. Uma releitura dos pentecostalismos que deseja denunciar o substrato profundo que subjaz à “teoria do mosto, ou do vinho”², que insistente em permanecer, continua a espezinhar à experiência carismática contemporânea e ao mesmo tempo propor uma valorização da experiência pentecostal como uma “cosmovisão”, um

² Teoria segundo a qual os discípulos no dia de Pentecostes falaram em línguas sob influência de bebida alcoólica. A experiência carismática da igreja não cabia no modelo racionalista grego antigo, tão pouco na racionalidade classicista contemporânea.

modo distintivo de ser, agir e ver o mundo cujas evidências se anunciam nas práticas e nos artefatos culturais produzidos por pentecostais.

Além disso, como aponta os dados dos últimos censos, não há como ignorar a presença pentecostal ou carismática em nosso contexto nacional recente e seus possíveis impactos sobre a sociedade brasileira, mesmo admitindo a pluralidade de experiências e as sensíveis diferenças entre as múltiplas comunidades de fé. As fontes da pesquisa são abundantes, uma vez que na tradição pentecostal ou nos pentecostanismos nota-se algo perene, uma herança da Reforma protestante do século XVI, ou seja, os materiais impressos. Todavia, a coerência teórico-metodológica que se reveste essa pesquisa também se abre às escutas dos sujeitos, às narrativas e biografias, memórias e histórias que se imiscuem, entre o sujeito e as memórias coletivas.

OBJETIVOS DE METAS:

Geral:

Explorar as representações que apontam para o lugar da experiência, do imaginário e da cultura nos impressos confessionais das Assembleias de Deus.

Específicos:

- Levantar o conjunto das representações possíveis que apontam para a experiência pentecostal e sua importância.
- Identificar nessas representações o lugar dos imaginários, incluindo a força dos *insights* teológicos e da ortopraxis pentecostal.
- Analisar o lugar da cultura, ou de “culturas pentecostais ou carismáticas” nos impressos confessionais.
- Entender a (des) importância de uma presença pentecostal e carismática no amplo espectro da cultura e na sociedade brasileira.
- Verificar a validade da hipótese de uma epistemologia e da hermenêutica pentecostal.

METODOLOGIA:

A exploração das fontes será conduzida pelos aportes da análise de conteúdo articulada à análise do discurso. De todo modo a pesquisa será qualitativa reunindo as técnicas das análises mencionadas que incluem a construção de tabelas a fim de apresentar a regularidade de certas categorias encontradas, evidentemente, na exploração do material. Portanto, opta-se por:

[...] conjugar alguns recursos metodológicos contando com os aportes da Análise de Conteúdo sem desprezar os ganhos com a Análise do Discurso. Essa última pode contribuir à medida em que foge do viés positivista que as vezes pesa sobre a primeira” (SOUSA NETO, 2021, p. 68).

Essa contribuição da análise do discurso é positiva à medida que considera: “sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história”, além do “complexo processo de constituição desses sujeitos e constituição de sentidos e não meramente transmissão de informação (ORLANDI, 2015, p. 19). Essa articulação metodológica também se constitui como uma tentativa de escapar da insistente dicotomia entre teoria e método. Nesse ponto, seguimos um conselho de Pierre Bourdieu (2012) que desconfiava da rigidez metodológica que possui o potencial negativo de engessar a pesquisa. O autor em linguagem religiosa apontava para os perigos do que chamou de “monoteísmo metodológico” (BOURDIEU, 2012, p. 26).

Além disso, o modo como os pentecostais leem, interpretam e aplicam as Escrituras Sagradas será considerado, sobretudo, admitindo, propostas hermenêuticas mais adequadas à igreja enquanto comunidade carismática. Isso implica em considerar aquilo que o pensador pentecostal Roger Stronstad endossou como um deslocamento do *corpus* paulino para o lucano, sobretudo, para a valorização do gênero narrativo que compõe as Escrituras do Novo Testamento.

Além disso, o modo como os pentecostais leem, interpretam e aplicam as Escrituras Sagradas será considerado, sobretudo, admitindo, propostas hermenêuticas mais adequadas à igreja enquanto comunidade carismática. Isso implica em considerar aquilo que o pensador pentecostal Roger Stronstad endossou como um deslocamento do *corpus* paulino para o *corpus* lucano, sobretudo, para a valorização do gênero narrativo que compõe as Escrituras do Novo Testamento.

Além disso, destaca-se o lugar do leitor pentecostal que não apenas se apropria dessas narrativas, mas que se considera parte delas, apontando, portanto, para a possibilidade dessa “hermenêutica viva” ser encontrada durante toda a história da igreja cristã, nutrida por uma teologia ainda mais antiga e associada bíblica e historicamente com o cristianismo ortodoxo, com a própria “regra de fé”. De todo modo, considerar esse modo de ler, entender e viver as Escrituras implica na rejeição das descontinuidades da igreja e do cânone, como operadas pelo cessacionismo radical de B. B. Warfield.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:

As linhas acima justificam a abordagem interdisciplinar e o a utilização de uma fundamentação teórica, ao mesmo tempo, robusta e flexível. Com isso quer dizer que a teologia bíblica, a hermenêutica, a história e demais campos disciplinares podem ser articulados

na construção do objeto de pesquisa aqui proposto. Por exemplo, ao abordar o conceito de experiência, mesmo considerando o valor das novas hermenêuticas subjetivistas, o pressuposto fundamental que admite as Escrituras como Palavra de Deus, a importância das tradições, da comunidade de fé, serve como um dosador, um contrapeso, um leitmotiv para a proposta de investigação que deseja evitar o mergulho no puro subjetivismo.

Sendo assim, autores de vários campos disciplinares serão convocados, entre eles, historiadores, teólogos, hermeneutas e filósofos pentecostais e carismáticos, como; Donald Dayton (1942–2020), Roger Stronstad (1944–2022), Craig S. Keener, (1960–), William Menzies (1931–2011) Robert P. Menzies (1958 –), Amós Young (1965 –), Gordon Fee (1934–2022), Jack R. Levison (1956 –), James K. A. Smith (1970 –), entre outros. Autores nacionais também serão visitados, adicionando as contribuições de outsiders, ou seja, daqueles que não considerados “mentes teológicas”, mas que marcaram sua presença nos quadros de pensamento do século XX, tais como; Charles M. Taylor (1931 –), Pierre Bourdieu (1930 – 2002), Michel Foucault (1926–1984), Peter L. Berger (1929 –2017), Roger Chartier (1945 –), entre outros.

Principais Contribuições Científicas:

Como não há possibilidade de ignorar a presença pentecostal no mundo e, sobretudo, no contexto brasileiro, espera-se contribuir no sentido de produzir pesquisa séria que possibilite inquirir e encontrar respostas sobre essa presença pentecostal, que de algum modo tem afetado as múltiplas experiências coletivas, pessoais, culturais e institucionais em solo brasileiro. Tudo isso se evidencia em discursos veiculados pela grande imprensa, nos espaços virtuais, no campo da política e mesmo nas linguagens, no universo simbólico que de algum modo denunciam essa presença religiosa inescapável.

Sondar as práticas, as representações dos pentecostais, mudanças e permanências, os diálogos e impactos sobre a sociedade e sobre o amplo espectro da cultura, incluindo os artefatos culturais e o campo político parece ser uma proposta razoável e importante, parafraseando. Parafraseando Bourdieu (2013): há algo de político na religião e algo de religioso na política. Além disso, chama a atenção as propostas da hermenêutica e epistemologia pentecostal, como apresentada por autores alocados dentro da tradição, cujas possibilidades vale a pena conferir. Para explorar tudo isso, faz-se necessário um diálogo interdisciplinar, algo que certamente contribui para a promoção do conhecimento, da pesquisa e metodologias múltiplas, além do impacto das publicações dos resultados.

CRONOGRAMA:

ANO 2023												
Atividades	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
Edital	x											
Processo seletivo	x											
Início das atividades				x								
Integração dos bolsistas às atividades de pesquisa e orientação				x								
Orientações graduação e Pós-graduação												
Palestra de divulgação				x ³		x ⁴						
Seminário do PPG									x ⁵			
Publicação de resultados/artigos ⁶												
Relatório												
ANO 2024												
Edital		x										
Processo seletivo		x										
Início das atividades			x									
Integração dos bolsistas às atividades de pesquisa e orientação				x								
Orientações graduação e Pós-graduação												
Seminário do PPG				x ⁷		x ⁸						
Apresentação de trabalho em Congresso									x ⁹			
Publicação de resultados/artigos ¹⁰								x	x	x		
Relatório											x	

BIBLIOGRAFIA:

- ALMEIDA, João Ferreira. **Bíblia Sagrada**. Ed. rev. e corrigida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.
- ALENCAR, Gedeon. **Protestantismo Tupiniquim**: Hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira. São Paulo: Arte Editorial, 2007.
- ALENCAR, Gedeon. **Assembleias de Deus** – Origem, implantação e militância (1911-1946). São Paulo: Arte Editorial, 2010.
- ARMÍNIO, Jacó. **As obras de Armínio**. 3 vol. Trad. Degmar Ribas. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.
- BOURDIEU, Pierre. O Póde Simbólico. Trad. Fernando Tomaz. 16 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

³ XI Conferência Nacional Crer e Pensar, dias 26-28 de abril.

⁴ Conferência Assembleiana, dias 21-24 de junho.

⁵ Congresso Nacional de Ciências Bíblicas.

⁶ Submissão de artigos à revista Vox Faifae para apreciação.

⁷ XI Conferência Nacional Crer e Pensar.

⁸ Conferência Assembleiana.

⁹ Congresso Nacional de Ciências Bíblicas.

¹⁰ Submissão de artigos à revista Vox Faifae para apreciação.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte:** Gênese e estrutura do campo literário. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Meditações Pascalianas.** São Paulo: Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas.** Trad. Cássia R. da Silveira; Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 2013.

CARVALHO, César Moisés. CARVALHO, Céfora Ulbano. **Teologia Sistemático-Carismática:** A conexão pneumática entre as principais doutrinas da fé cristã. São Paulo: Thomas Nelson, 2022.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** São Paulo: Editora Vozes, 1998.

CORBIN, Alain (org.). **História do Cristianismo: para compreender melhor nosso tempo.** São Paulo: Editora, WMF Martins Fontes, 2009.

CORREA, Marina. **Assembleia de Deus:** ministérios, carisma e exercícios de poder. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural:** entre práticas e representações. Lisboa: Difusão Editorial, 2002.

DANIEL, Silas. **Arminianismo – A mecânica da salvação:** uma exposição histórica, doutrinária e exegética sobre a graça de Deus e a responsabilidade humana. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

DANIEL, Silas. **A sedução das novas teologias.** Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

DAYTON, Donald. **Raízes teológicas do Pentecostalismo.** Trad. Paulo Ayres Mattos. Natal: Carisma, 2018.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica.** Lisboa: Edições 70, 1995.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano.** Trad. Rogério Fernandes: São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FEBVRE, Lucien. **Martinho Lutero, um destino.** São Paulo: Três Estrelas, 2012.

FERREIRA JÚNIOR, José. **Capas de jornal:** a primeira imagem e o espaço gráfico visual. São Paulo: Editora Senac, 2003.

FONSECA, André Dioneu. **“Temei a Deus Honrai ao Rei”**: Revista A Seara e os (des) caminhos do debate sobre a relação igreja/política na imprensa assembleiana (1956-1980). 350 f. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2017.

FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil**: da constituinte ao Impeachment. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), 304 P. Unicamp, 1993.

FEE. Gordon. **Paulo, o Espírito e o Povo de Deus**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

GILBERTO, Antônio (ed). **Teologia Sistemática Pentecostal**. 2.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

HORTON, Stanley M. **Teologia sistemática**: uma perspectiva pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

HYATT, Eddie. **2000 Anos de Cristianismo Carismático**: um olhar do século 21 na história da Igreja a partir de uma perspectiva carismático-pentecostal. Natal: Carisma, 2016.

HOLLENWEGER, Walter. **El Pentecostalismo**: historia y doctrinas. Buenos Aires: Editorial La Aurora, 1976.

FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil**: da constituinte ao Impeachment. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), 304 P. Unicamp, 1993.

GRANCONATO, Marcos. **O Pentecostalismo e seus Danos à Igreja de Deus**. s/l: Bereanos, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3Vi4wKh>. Acesso em: 21/11/2022.

HODGE, Charles. **Teologia Sistemática**. Trad. São Paulo: Hagnos, 2001.

QUADROS, Eduardo Gusmão de. SOUSA NETO, Fábio de. **“Deus escolheu as coisas loucas deste mundo”**: pentecostalismo, glossolalia e loucura. Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 23, n.2, jul./dez. 2020, p. 178-191.

LEVINSON, Jack. **Inspirado**: o Espírito Santo e a mente de fé. São Paulo: Thomas Nelson, 2022.

MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro: CPAD, 1930 —.

MENZIES, William W. HORTON, Stanley M. **Doutrinas Bíblicas**: os fundamentos da nossa fé. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1999.

NAÑES, Rick M. **Pentecostal de coração e mente**: um chamado ao dom divino do intelecto. São Paulo: Editora Vida, 2007.

SMITH, James K. A. **Pensando em línguas**: contribuição pentecostal para a filosofia cristã. Trad. Maurício Bezerra. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil; Renova, 2020.

SOARES, Esequias. **O Pentecostalismo Brasileiro**: Um registro histórico e teológico de suas origens, denominações, personalidades e doutrinas. Rio de Janeiro: CPAD, 2021.

SOUSA, Fábio. **Representações sobre o campo religioso brasileiro**: uma análise das Assembleias de Deus. Dissertação (Mestrado) – Programa de pós-graduação *Stricto Sensu* em História, Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, p.180. 2021.

STRONSTAD, Roger. **Teologia lucana sob exame**. Natal: Editora Carisma, 2018.

STRONSTAD, Roger. **Teologia Bíblica Pentecostal**: de gênesis à apocalipse momentos decisivos na história da redenção. Natal: Editora Carisma, 2020.

STRONSTAD, Roger. **Hermenêutica pentecostal**. Natal: Editora Carisma, 2020.

MENDONÇA, Antônio Gouveia. **O celeste porvir**: a inserção do Protestantismo no Brasil. São Paulo: Pendão Real; ASTE, 1995.

MENZIES, William W. MENZIES, Robert P. **No poder do Espírito**: fundamentos da teologia pentecostal.

MENZIES, Robert P. **Pentecostes**: essa história é a nossa história. Rio de Janeiro: CPAD, 2021.

MENZIES, Robert. **Teologia Pentecostal**: sua natureza evangélica e cristocêntrica. Natal RN: Carisma, 2022.

VINGREN, Ivar. O Diário do Pioneiro por Ivar Vingren. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. O Imaginário. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

YONG, Amos. **Espírito derramado sobre a carne**: pentecostalismo e a possibilidade de uma teologia global. São Paulo: Editora Aldersgate, 2022.

YONG, Amos. **Quem é o Espírito Santo**: uma caminhada com os apóstolos. Cuiabá: Palavra Fiel, 2019.